

Estudo Prévio 1 – Arquiteto Subúrbio - Editorial

Filipa Ramalhete

framalhete@autonoma.pt

CEACT/UAL – Centro de Estudos de Arquitectura, Cidade e Território da Universidade Autónoma de Lisboa e CICS.Nova – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa, Portugal

João Caria Lopes

joaocarialopes@gmail.com

CEACT/UAL – Centro de Estudos de Arquitectura, Cidade e Território da Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal

Para citação: RAMALHETE, Filipa; LOPES, João Caria – Estudo Prévio 1 - Editorial. **Estudo Prévio ZERO.** Lisboa: CEACTIONAL - Centro de Estudos de Arquitectura, Cidade e Território da Universidade Autónoma de Lisboa, 2012, p. 1-2. ISSN: 2182-4339 [Disponível em: www.estudoprévio.net].

Creative Commons, licença CC BY-4.0: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Por volta dos anos 80, em Portugal, seguindo uma tendência que já era observável em muitas cidades europeias, assistiu-se à mudança de paradigma de atração das cidades, passando da fase centrípeta (onde a cidade atraía as pessoas para o seu centro) para uma fase centrífuga (onde a cidade se expandiu num movimento horizontal e disperso). Desde então, até aos dias de hoje, verifica-se que muitos desses subúrbios cresceram sem plano e sem nenhuma ambição de ordenamento do território, o que resulta num território expandido, disperso e descoordenado. Apesar do esforço de algumas iniciativas para a resolução de várias zonas periurbanas, a verdade é que a maior parte resultou em arranjos pontuais de algumas cidades médias e não apontou nenhuma resolução para a desconectividade dos vários polos suburbanos, ainda dependentes da cidade-mãe. A figura do planeador – seja ele urbanista ou arquiteto – está frequentemente distante de qualquer discussão sobre os subúrbios, resultando na produção de instrumentos de gestão territorial sem “conceito”, o que resulta numa sobreposição de instrumentos que não ajudam a resolver efetivamente os problemas, criando contradições crescentes. Mesmo em termos de produção arquitetónica, são poucos os arquitetos autores que recebem encomendas situadas nos subúrbios, gerando um mito profissional de que “não dá para fazer nada de jeito” sem ser nas cidades – excluindo, é claro, casas de férias ou de fim de semana, em espaços bucólicos.

Neste contexto, o alargamento da discussão, e a possível desmistificação dos subúrbios, é dificultado pela ambiguidade e dispersão que o conceito é capaz de



assimilar. O subúrbio tornou-se uma palavra capaz de integrar e significar espaços completamente díspares como o bairro segregado(r), a periferia, os limites da cidade, os bairros-dormitórios, as zonas industriais, cidades-satélite, arrabaldes, *garden cities*, cidade informal, não-lugar, ou, territórios periurbanos.

De um modo geral e aglutinador, podemos afirmar que a palavra subúrbio augura algo impreciso, em processo de se tornar tangível e reconhecível; algo que ao longo dos anos foi sendo utilizado para arrumar uma série de territórios indefinidos, ou que estavam a começar a ser entendidos; algo que é difuso e complexo. Porém, temos de enfrentar estes novos territórios, com uma proatividade positiva, procurando novos conceitos operacionais e aprofundando o nosso conhecimento das diferentes situações reais, para que possamos compreender melhor os vários tipos de subúrbios, e atuar sobre eles da melhor maneira possível.

Esperamos que este número UM do Estudo Prévio seja um contributo para o debate em torno desta extensa problemática que vagueia no inconsciente de todos nós e que se consiga transformar os subúrbios em territórios férteis que promovem soluções para o “bem-estar e bem-ser” do ser humano.